

Mutações na religião judaica

As constantes transformações deste universo milenar

REUVEN FAINGOLD

De São Paulo, para RJ

Para o estudioso da história judaica que encara a religião sob um prisma objetivo, resulta evidente que, o Judaísmo como outras religiões, esteve sempre sujeito a modificações evolutivas e, às vezes, até revolucionárias. Em outras palavras, poderíamos afirmar que a religião judaica nunca foi unitária, nem jamais permaneceu estática ou monolítica.

Na longa viagem pela história da religião mosaica, além de seitas dissidentes, sempre surgiram grandes movimentos (caráismo, messianismo, chassidismo, iluminismo, Sionismo) com líderes 'renovadores'. Quem não escutou falar de Anan Ben David, Salomão Molcho, Shabbatai Tzei, Baruch Spinoza, Jacob Frank, R. Israel Baal Shem Tov ou Moisés Mendelssohn, por mencionar apenas alguns dos mais altos expoentes da re-

novação judaica. Dotados de mentes agudas, estes elementos foram assaltados por dúvidas relativas a uma ou outra doutrina. Eles tentavam conciliar a fé com a razão, e o cerimonial e a observância de rituais com os ditames da consciência e da prática.

Qual foi o resultado destas tentativas de conciliação?

O resultado imediato foi que a própria tradição religiosa, por mais sagrada que se tivesse tornado com o correr do tempo, não se havia congelado. Contrariando todas as regras, ela esteve em constante ebulição. Ocorriam sempre mutações. A tradição e a religião judaica assumiam formas distintas em cada época histórica e em cada cultura regional. Assim, pode-se inferir esta observação do mero fato da ortodoxia do judeu medieval da Espanha ou do Marrocos não ser exatamente igual à ortodoxia do judeu da Alemanha ou da França.

Da mesma forma, a ortodoxia rabinica racionalista do século 18 representada pelo Gaon de Vilna não era a mesma do seu contemporâneo rabi Israel Baal Shem Tov, fundador do chassidismo místico. Mais ainda, pode-se até conjecturar que o que hoje se conhece por ortodoxia (fidelidade à Torá) dos judeus do Brooklyn nos Estados Unidos, teria sido definido como 'heresia' pelos tetravôs de seus adeptos devotos da Europa Oriental.

Como todos nós sabemos, a própria religião judaica sempre exerceu um fluxo contínuo de adeptos a uma ou outra variante. Os judeus - ao contrário de seguidores de outras religiões - estavam menos presos a dogmas fixos. Sempre foram muito mais permeáveis a mudanças. Nem todos os judeus se submetiam a uma leitura ou interpretação literal da verdade revelada na Torá. Os sábios e rabinos da Judéia (há dezoito séculos) já reco-

nheciam que a religião como todas as demais instituições humanas, também tem um desenvolvimento orgânico. Para eles ficou claro que a dinâmica do processo e as novas condições de vida produzem, necessariamente, mudanças tanto em estrutura quanto em conteúdo. O próprio Talmud orientava o judeu com o sábio conselho: "Se viveres na geração de Raban Gamliel, age conforme os preceitos de Raban Gamliel - e se viveres na geração de Rabi Iossi, age de acordo com os preceitos de Rabi Iossi".

Existe, pois, melhor exemplo que esta referência talmúdica acima citada, para concluir que em cada época dava-se ênfase diferente aos valores da religião judaica?

■ Reuven Faingold é professor de história judaica da Universidade Hebraica de Jerusalém e membro do Congresso Mundial de Estudos Judaicos.